

ANÁLISE E IDENTIFICAÇÃO DOS TÊXTEIS DO SÉCULO XIX NO MUSEU ALBERTO SAMPAIO, TRAJE JAQUETA DE SENHORA COM VIDRILHOS, PERTENCENTE AO GRUPO FOLCLÓRICO DA CORREDOURA

Ronaldo Salvador Vasques¹

Universidade do Minho / Universidade Estadual de Maringá

Fabrizio de Souza Fortunato²

Universidade Estadual de Maringá

RESUMO: Este artigo propõe expor um recorte da tese de doutoramento da Universidade do Minho (UMINHO) em museus cuja a investigação é sobre a indústria têxtil nos museus do Portugal alusivos ao século XIX, entretanto, o recorte será de traje do Museu Alberto Sampaio (MAS) na cidade de Guimarães/Portugal, com a análise da *Jaqueta de senhora com vidrilhos*, pertencente ao Grupo Folclórico da Corredoura da cidade de Guimarães. Desse modo, o objetivo é fazer uma análise e levantamento do contexto histórico da época e do vestuário, seleção do vestuário por meio da ficha-técnica, observação por lupa estereoscópica e lupa manual, fotografia do pormenor e por inteiro de cada peça do vestuário e análise do toque sensorial. O métodos e procedimentos utilizados foram estudo histórico, avaliação visual e seleção, análise microscópica óptica e toque. Desta maneira será apresentado a trajetória da industrial têxtil portuguesa, o inquérito industrial de 1881, a exposição industrial do concelho de Guimarães e a história do Grupo folclórico e descrição dos pormenores da Traje. Com este estudo espera-se auxiliar os museólogos na reserva técnica dos museus, ratificando saberes do entendimento específico dos materiais têxteis, e dos procedimentos experimentas para conhecer os têxteis.

PALAVRAS-CHAVE: Traje. Têxteis. Museu. Grupo folclórico. Portugal.

ANALYSIS AND IDENTIFICATION OF THE XIX CENTURY TEXTILES AT THE ALBERTO SAMPAIO MUSEUM, WOMEN'S JAQUETA SUIT WITH GLASS, BELONGING TO THE FOLKLORIC GROUP OF THE CORREDOR

ABSTRACT: *This article proposes to present a cut of the doctoral thesis of the University of Minho (UMINHO) in museums whose research is about the textile industry in the museums of Portugal alluding to the nineteenth century, however, the clipping will be in costume from the Museu Alberto Sampaio (MAS) in the city of Guimarães / Portugal, with the analysis of the jacket of lady with glasses, belonging to the Folk Group of Corredoura of the city of Guimarães. Thus, the objective is to make an analysis and survey of the historical context of the era and the clothing, selection of clothing by means of the technical sheet, observation by stereoscopic magnifying glass and manual magnifying glass, photograph of the detail and in each piece of clothing and sensory touch analysis. The methods and procedures used were historical study, visual evaluation and selection, microscopic optical and touch analysis. In this way will be presented the trajectory of the Portuguese textile industry, the industrial survey of 1881, the industrial exhibition of the county of Guimarães and the history of the Folklore Group and description of the details of the Costume. This study is expected to assist museologists in the technical reserve of museums, ratifying knowledge of the specific understanding of the textile materials, and the experimental procedures to know the textiles.*

KEYWORDS: *Costume. Textiles. Museum. Folkloric group. Portugal.*

¹ Doutor em Engenharia Têxtil. Email: rsvasques@uem.br.

² Email: fsfortunato@uem.br.

ANÁLISE E IDENTIFICAÇÃO DOS TÊXTEIS DO SÉCULO XIX NO MUSEU ALBERTO SAMPAIO, TRAJE-JAQUETA DE SENHORA COM VIDRILHOS, PERTENCENTE AO GRUPO FOLCLÓRICO DA CORREDOURA

1. A Indústria Têxtil em Portugal e sua trajetória

A Indústria Têxtil em Portugal viu surgir, em 1820, a sua primeira associação industrial de lanifícios, denominada “Grémio de Covilhã” e com sede na capital, Lisboa. Posteriormente, foi criada em 1838 a “Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense”, que foi uma das maiores unidades fabris da capital no século XIX e constituiu um ponto de referência na história da industrialização da cidade de Lisboa.

À época do seu estabelecimento, as atividades da fábrica estavam separadas. A fiação fazia-se no filatório de algodão situado no Palácio do Malheiro, em São Sebastião da Pedreira, que havia pertencido a António Pereira de Guimarães, a tecelagem, por seu turno, funcionava em paralelo no Palácio dos Condes de Camaride e na fábrica velha firma Pomé e C^a, ao campo pequeno (Leite, 2012, p. 2).

Nesse momento, as indústrias manufatureiras estavam a tentar organizar o setor e, assim, transformar-se no polo têxtil de Portugal. No ano de 1840, a sociedade da fiação lisbonense iniciou a sua atividade no antigo Convento de São Francisco de Xabregas, onde a fiação e a tecelagem ficavam no mesmo espaço físico. Em 1844, um incêndio deflagrou nesta fábrica, sendo que, depois deste imprevisto, a fábrica ficou em funcionamento, até 1849, no Palácio do Marquês de Niza.

Nesta trajetória da indústria têxtil portuguesa, há dois fatores importantes para a compreensão da forma como esta se desenvolveu, nomeadamente, o inquérito industrial de 1881 e a Exposição Industrial do concelho de Guimarães em 1884.

1.1 O inquérito industrial de 1881

Um grande número de industriais respondeu, no ano de 1881, ao Inquérito Industrial, que propunha a melhoria na proteção às indústrias locais naquele período, o que instigou uma ação do meio rural e comercial e da própria concorrência externa. O descontentamento e a fraqueza da burguesia industrial manifestaram-se muito claramente neste Inquérito Industrial, tendo conseguido, depois de alguns anos, ver atendidas algumas das suas exigências, como, por exemplo, o ensino industrial e o protecionismo da indústria.

Estas estenderam-se também, nos finais do século XIX, à área têxtil, onde a manufatura algodoeira, em especial, se desenvolvia:

No final do século XIX e inícios do XX, verificou-se no País um novo surto industrial, enquanto se ia diversificando a concorrência externa, tanto na mãe-pátria como nas colónias. Tais motivos justificam, só por si, que dediquemos alguma atenção à correspondência consular remetida de Portugal para França. São vários os temas nela aflorados — situação económica e financeira, comércio, indústria, operariado, transportes, etc. —, embora tenham sido obviamente privilegiados os que mais se ligavam às relações franco-portuguesas (Mendes, 1980, p. 36).

A indústria têxtil portuguesa foi tentando organizar o setor industrial, a sua situação económica, o comércio e os transportes, entre outros. Percebe-se, também, que a indústria portuguesa carecia de preparação profissional de técnicos e operários, havia muito tempo que se sentia a necessidade de se fazer deslocar operários ao estrangeiro a fim de adquirirem novos conhecimentos e retornar a Portugal com o intuito de melhorar a produção na indústria local.

Discutia-se, ainda, a criação das escolas industriais, sendo que esta necessidade de instrução profissional fazia-se sentir mais duramente à medida que a indústria ia progredindo e a concorrência externa se intensificava. Mendes observa que:

na segunda metade do século XIX — e muito especialmente no último quartel — assiste-se a uma crescente disputa do mercado português por diversos países, em prejuízo do domínio até então exercido quase exclusivamente pela Grã-Bretanha, que, aliás, continuava a ocupar o primeiro lugar nas relações comerciais com o nosso país (1980, p. 43).

1.2 Exposição industrial do concelho de Guimarães em 1884

A 14 de abril de 1884, chegava a Guimarães o comboio inaugural do caminho de ferro que iria ligar a cidade à rede ferroviária do país, algo que representava, naquele momento, um fator de progresso desejado pela população vimaranense. No mesmo ano, ocorreu no concelho de Guimarães a primeira “Exposição Industrial de Guimarães”, que mostrava a real situação das questões industriais da época, desde a sua mão de obra até ao poder da indústria local. A exposição decorreu no Palácio Vila Flor, em Guimarães, ocupando todas as dependências e salas do palácio.

Nessa altura, a *Revista de Guimarães* publicou o primeiro texto de Alberto Sampaio sobre a Exposição, onde ele comentava que:

Uma exposição em Guimarães não só é conveniente, mas impõe-se como uma necessidade, se a considerarmos como o primeiro passo para o rejuvenescimento e aperfeiçoamento tanto das suas antigas indústrias como das que têm sido introduzidas nestes últimos quarenta anos (1884, p. 25-34).

Esta necessidade acentua-se tanto mais se se atender à sua variedade, à localização dispersa por toda área do concelho e à apatia de que estão sofrendo muitas delas.

Percebia-se a necessidade de se aperfeiçoar a indústria local e de se incentivar futuras instalações. Ainda nesta exposição, expunham-se colchoaria, cobertas, guardanapos e toalhas, entre outros. A exposição foi de altíssimo valor e iniciativa naquele período. O *Jornal do Comércio*, de Lisboa, na época comentou que “a Exposição Industrial de Guimarães é, portanto, um verdadeiro sucesso, uma página brilhante para a história portuguesa, especialmente do Minho” (Almeida, 1982, p. 225) e acrescentava que era um momento histórico para Guimarães, uma nova fase de atividade rumo ao progresso, aquele seria o primeiro congresso dos industriais de todo o concelho, que analisariam e estudariam as fábricas e oficinas para a realização de uma ideia ou conquista de melhorias e vantagens gerais no âmbito das tecnologias e do mercado.

Importa ressaltar que, nesta ocasião, ocorreu a abertura de uma escola industrial, com o intuito de trazer conhecimentos indispensáveis à indústria local. Por decreto de três de dezembro de 1884, foi criada a “Escola Industrial em Guimarães”, abrangendo as cadeiras de geometria elementar e contabilidade, desenho e química industriais. Mais tarde, foi inserido o ensino de serralheria, fiação e tecidos.

A exposição começara a tornar-se rentável e a recém-criada escola seria o local onde a juventude iria receber uma melhor preparação e formação técnico-profissional, já que Guimarães ia se desenvolvendo à medida que a tecnologia ia surgindo e, assim, o ensino se destacava no melhor nível possível. Entre os homens que estavam à frente da Sociedade Martins Sarmiento, uma figura de destaque era o historiador Alberto Sampaio, que foi um dos grandes envolvidos na Exposição Industrial de 1884, e que, naquele ano, aludiu à importância de se agitar a população fabril e convencê-la a lançar-se numa tal empresa, a ela que tem vivido sempre na penumbra e como que esquecida, é muito, mas não é tudo.

Alberto Sampaio ficou muito satisfeito com a exposição, dizendo aos industriais que quaisquer que fossem as contrariedades com que tivessem de arcar, era válido fazer-se conhecer as principais indústrias daquele concelho e que só desta maneira iriam progredir.

É importante salientar que em 1884 ainda não havia teares mecânicos na indústria têxtil vimaranense, sendo toda a fabricação processada ainda de modo manual. Os únicos teares mecânicos de que se tinha conhecimento eram três exemplares que tinham acabado de chegar da Inglaterra e iriam equipar aquela que se constituiu como a primeira fábrica moderna de Guimarães, a “Fábrica a Vapor de Tecidos de Linho e Algodão do Castanheiro”, de António Costa Guimarães.

De acordo com Sampaio & Meira, a fábrica possuía:

8 teares mecânicos e 10 de Jacquard por máquina a vapor de 10 Cv, e com 68 operários entre mulheres e homens. A fábrica de castanheiro foi, contudo, a única existente em Guimarães naquela época a possuir tais teares e ter o processo de mecanização, enquanto o restante estava no método de manufatura manual (1991, p. 8).

Segundo o inquérito de 1881, a real fábrica de Caneiros praticava o sistema de indústria ao domicílio, empregando mão de obra considerável, mais concretamente, 157 operários (homens e mulheres). No ano de 1885, a fundação da fábrica de Castanheiro marcou o início da industrialização no segmento têxtil algodoeiro. Naquele momento, a indústria estava gradualmente abandonando o processo artesanal e iniciando o mecanizado.

Dentro deste contexto de trabalho manual, semiautomático e “modernização”, uma fibra muito importante para a indústria local – região do Minho – foi a fibra do linho. Neste momento, é relevante mencionar que algumas mulheres se limitavam a produzir o seu fio/produto para a família. Segundo Sampaio & Meira,

O fio divide-se em tantas classes principais, quantas filação que se pode preparar do linho. O fio extrahido da primeira é o mais ordinário e tem aplicações mais grosseiras; o da segunda é geralmente aquelle que se faz o bragal da gente menos abastada; o da terceira é destinado a produzir o panno propriamente dito de linho, que varia na qualidade segundo a menor ou mais grosseira do fio (1991, p. 44).

Portanto, o cultivo do linho era recorrente neste período e essa produção manual está também aliada às questões culturais locais, na medida em que, na preparação e manufatura do tecido de linho, está também contido o contexto da identidade da região do Minho, não se limitando apenas a questões financeiras.

A evolução da indústria portuguesa começa com a sua primeira associação industrial em 1820 e, posteriormente, com a implantação de uma das maiores unidades fabris em Lisboa, em 1838. As indústrias manufatureiras tentavam, ao longo do século XIX, organizar o setor e, assim, transformar-se num importante polo têxtil em Portugal.

Percebeu-se que o inquérito de 1881 e a exposição do concelho de Guimarães tinham nos seus objetivos a preocupação de impulsionar o setor industrial português, bem como a implantação do ensino específico para a fiação e tecelagem, entre outras áreas. Também se discutia os caminhos do processo manual e as inovações no processo de mecanização que estavam por vir. Desse modo foi feita uma identificação e análise de um dos trajes de Grupo Folclórico da Corredoura.

2. Traje *Jaqueta de senhora com vidrilhos* (Grupo Folclórico da Corredoura)

Procedeu-se à observação e análise das especificidades de cada vestuário, tendo-se iniciado o estudo através das fichas técnicas existentes no museu e elaborou-se um padrão de fichas para elencar os resultados de análise de cada peça. No volume de apêndices nesta tese encontra-se a Ficha Catalográfica de todos os vestuários estudados, com imagens dos vestuários, materiais têxteis e o *Design* de superfície têxtil.

2.1 Descrição do histórico e pormenores do vestuário

Figura 1 – Vestuário

VESTUÁRIO

Jaqueta Senhora com Vidrilhos (MAS/ 5)

Época: Século XIX.

Número de Inventário: T21.

Denominação: Jaqueta de senhora do Grupo Folclórico da Corredoura – Guimarães.



Caracterização de Materiais:

Jaqueta de lã, enfeitada com vidrilhos e com botões de metal. Forro de algodão.

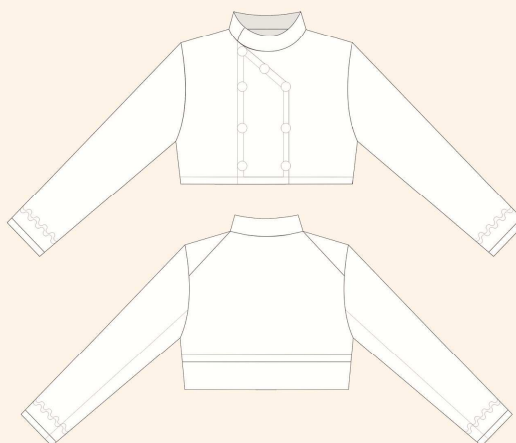
Descrição da peça realizada em janeiro de 2016:

Jaqueta em tecido de lã preta com mangas compridas e decote redondo. Aplicação de um galão em pêlo natural preto no remate dos punhos, no contorno do peitilho e na orla inferior da jaqueta; ornada com passamanarias com vidrilhos pretos na gola, peitilho, mangas e orla inferior da jaqueta. Possui 12 botões de metal com motivos fitomórficos a ornamentar as mangas e o peitilho. Aperta à frente com 6 pares de colchetes, o forro em tecido de algodão com listras verticais e horizontais em tons cinzas e vermelhos. Função: Traje do Grupo Folclórico da Corredoura. (Informações parciais retiradas da ficha catalográfica do Museu Alberto Sampaio).

Dimensões:

Altura: 43,5 cm

Largura: 133 cm com a peça aberta e sem mangas 46,5 cm.



Diagnóstico de conservação:

Esta peça está com a frente e as costas bastante danificadas, com os tecidos a desfazer-se e a rasgar-se. Está a soltar fios, vidrilhos e botões.



2.2 Descrição dos detalhes dos materiais analisados no traje

Figura 2 – Materiais Têxteis



2.3 Descrição da superfície do tecido e acessórios presentes na peça

Figura 3 – Design de superfície têxtil

DESIGN DE SUPERFÍCIE TÊXTEL

	<p>Estrutura Têxtil: Tafetá 1X1 – Material em lã Sarja 2X1 – Material em algodão.</p> <p>Toque Sensorial: Quente e grossa.</p> <p>Método de Construção: Processo de tecelagem convencional e bordado manual com vidrilhos.</p> <p>Método de Análise por meio de Microscópio 0.7 ampliações x ; 4.0x ampliações ; 4.5 x ampliações.</p>	
<p>Lado direito da Jaqueta de senhora, parte da frente. Teia: 28 fios/cm Trama: 22 fios/cm</p>		<p>Lado avesso da Jaqueta, parte interior (forro). Teia: 34 fios/cm Trama: 22 fios/cm</p>



Imagem 1: Pormenor do cruzamento de fios vermelhos e brancos da jaqueta de senhora, parte interna (forro). Ampliação 7x.



Imagem 2: Frente da jaqueta de senhora, parte da fibra de lã e dos botões em metal, que fecham a jaqueta. Ampliação 7x.



Imagem 3: Frente da jaqueta de senhora evidenciando a fibra da lã. Ampliação 7x.



Imagem 4: Detalhe dos vidrilhos aplicados na jaqueta. Ampliação 7x.

3. Metodologias e procedimentos

Para o trabalho realizado no Museu Alberto Sampaio, com *Jaqueta de senhora com vidrilhos*, as sequências utilizadas para identificação foram:

- A) Análise e levantamento do contexto histórico da época e do vestuário;
- B) Seleção do vestuário por meio da ficha técnica;
- C) Observação dos materiais têxteis por lupa estereoscópica;
- D) Observação por lupa manual;
- E) Fotografia de pormenor e por inteiro de cada peça do vestuário;
- F) Análise através do toque sensorial.

A) Análise e levantamento do contexto histórico da época e do vestuário

Foi contextualizada a trajetória do vestuário desde do início do século XIX e a sua divisão temporal no viés da moda: o fim do séc. XVIII e primeiro quartel do séc. XIX com o estilo Império, a primeira metade e parte da segunda metade do séc. XIX com a moda do Romantismo e Vitoriana e, por último, o início da Belle Èpoque em meados do fim do último quartel do séc. XIX e início do XX. Através de livros, fotos, artigos científicos, periódicos, jornais, revistas, catálogos de coleções de moda e catálogos de coleções de museus, foi estudado e investigado todo o contexto histórico do século XIX, bem como a sociedade, as práticas e usos dos trajes em Portugal.

B) Seleção do Vestuário por meio da ficha técnica

O levantamento do vestuário escolhido foi realizado por meio da leitura das fichas técnicas presentes no Museu Alberto Sampaio, as quais foram fundamentais para a definição da peça estudada. Como critério de avaliação, num primeiro momento foi estudado o diagnóstico do estado de conservação dos materiais têxteis e, em seguida, as particularidades destes, tais como: rendas, bordados, botões, fitas, cores e estampas, entre outros. Foi analisada também a procedência, ou seja, se os têxteis foram, provavelmente, feitos por processos mecanizados ou processo artesanal, bem como a sua estrutura têxtil.

Cabe dizer que as informações de controle nas fichas técnicas, continham o nome do vestuário, código de registo, período de recolha (origem), a identificação da época, materiais utilizados, medidas gerais (altura, comprimento e largura), descrição das peças e observações/considerações gerais.

C) Observação dos materiais têxteis por microscopia ótica

Na reserva técnica do Museu foi observado os materiais têxteis por meio de lupa estereoscópica³ e conta-fios eletrônico⁴. A captação das imagens aumentadas dos pormenores dos vestuários, propiciadas pela utilização do equipamento de lupa estereoscópica, tornou possível perceber, de forma minuciosa, os efeitos dos bordados, rendas, estampas, as superfícies têxteis, as cores, etc., tendo permitido, também, proceder ao exame da sua densidade, ou seja, efetuar a contagem do número de fios de teias e tramas, nos têxteis selecionados para esta pesquisa. Esta captação de imagens foi efetuada com a lupa estereoscópica com ampliações de 7x; 40x; 45x.

A captação de imagens permitiu analisar e identificar de forma pormenorizada os materiais têxteis e as partes fracionadas do vestuário, nomeadamente: direito, avesso, frente, costas, mangas, detalhes em bordados e botões, costuras, barras, golas, etc.

D) Observação por lupa manual

A densidade de um tecido é obtida através da contagem do número de fios/cm², com uma pequena lupa manual⁵. Foi efetuada a contagem de fios no sentido da teia e no sentido da trama, do lado direito e do lado do avesso da manufatura têxtil dos vestuários, sendo que, nos dois museus, a visualização do lado avesso foi melhor para a identificação e contagem de fios. A Norma Portuguesa EN 1049-2 diz: “No caso de um tecido onde uma das faces só deixa aparecer um único conjunto de fios, como em certas sarjas ou cetins, pode ser mais simples contar os fios pelo avesso do tecido onde a textura é mais visível”, portanto, o que foi constatado neste estudo. De referir ainda que os tons escuros, como pretos e azuis, dificultaram a realização da análise da contagem de fios por meio da lupa manual, contudo, foram conseguidos bons resultados na análise.

³ A lupa estereoscópica tem a função de observação e estudo, pela reflexão da luz incidente, das amostras de computador tridimensionais. Foi utilizada no programa de *Microscopy digital Usb camera (OPTIKA)* da Universidade do Minho. Este foi deslocado para a reserva técnica do Palacete Santiago, do MAS.

⁴ Utilizamos o conta-fios eletrônico *Dino-Lite Digital Microscope*, do projeto de extensão: Tecidoteca UEM-Campus Regional de Cianorte/Brasil que foi deslocado para a reserva técnica do MI.

⁵ A lupa manual permite determinar por observação ao mínimo quantos fios foram alinhados por centímetro no tecido em formação. Apresenta-se em fios/cm na teia e batidas/cm na trama. Norma Brasileira: ABNT NBR 10588 – Tecidos Planos – Determinação da densidade de fios e a Norma Portuguesa, Têxteis – construção – métodos de análise –Parte 2: Determinação do número de fios por unidade de comprimento (ISSO 7211-2:1984 modificada para EN 1049-2: 1993). A norma utilizada foi 8. Método B: Conta-fios.

E) Fotografia de pormenor e por inteiro de cada peça do vestuário;

O registo das imagens do vestuário (fotografia) foi realizado com recurso a uma câmara Nikon D 3300 com lente de 18-55mm, com alta resolução, JPEG e RAW, dentro de uma sala nos respectivos museus. O vestuário foi disposto de acordo com o seu tamanho e estrutura, onde o corpo de prova (CP) poderia estar disposto de diversas maneiras, como por exemplo, em manequim. Desse modo, foi possível fotografar as especificidades da peça, tais como: a frente, as costas, laterais, o forro, o lado direito e o avesso, os botões, detalhes de bordados, fitas, mangas, punhos e golas.

F) Análise através do toque sensorial

Em relação ao toque sensorial dos vestuários, devido à sua procedência do acondicionamento no museu, o toque, na maioria dos casos, é áspero, devido às intervenções do tempo. Dentro da investigação da peça na reserva técnica, este é o único momento em que não se utilizaram luvas, tendo sido analisada a sensação do toque que ainda permanece na peça, levando-se em consideração a leveza do tecido, a textura, o aspeto de grossura ou finura, se o mesmo é liso, frio, quente ou rugoso.

Resultados e conclusão

A peça escolhida *Jaqueta de senhora com vidrilhos* representa um testemunho material e técnico dos têxteis/vestuários presentes em museus no séc. XIX, que se fundamentam na representatividade específica deste traje estudado. É muito enriquecedor o espólio do Museu Alberto Sampaio. Relacionado com as roupas e trajes do século XIX, na sua reserva técnica no Palacete de Santiago há mais de 130 peças de vestuário pertencentes ao grupo folclórico da Corredoura, do baixo Minho, de finais do século XIX e primeiras décadas do século XX. Localizado na Vila de São Torcato, seis quilómetros a norte da cidade de Guimarães, tem grande tradição cultural e religiosa, evidenciada pelo cultivo do milho, centeio e da fibra do linho. Dada a dimensão dessa coleção, foi escolhida a *Jaqueta de Senhora com Vidrilhos*. O reconhecimento da trajetória da indústria têxtil em Portugal, percebendo-se a relevância dos avanços nas maquinarias, que influenciaram diretamente a produtividade dos tecidos e que, sem dúvida, impulsionaram o setor. Percebe-se que a indústria têxtil portuguesa foi difundida a partir da segunda metade do século dezanove até ao início do século vinte. Em Portugal, as fibras do linho, lã, algodão e seda são as mais utilizadas neste recorte de tempo. É relevante mencionar que isto ocorre devido a sua

cultura local e a diferentes aspetos socioeconómicos que influenciaram o modo de produção, como exemplo o cultivo do linho é uma prática e tradição da região do Minho.

Ao longo do século XIX, a industrialização era voltada para as fibras de cunho natural, tais como algodão, linho, lã e seda, sendo as roupas e os tecidos, na sua maioria, compostos por essas fibras naturais. Por fim, o artigo descreveu e discutiu as metodologias aplicadas ao traje, a trajetória da indústria têxtil portuguesa, a importância do inquérito industrial de 1881, bem como a exposição industrial e a história do Grupo folclórico. Neste contexto o resultado do vestuário apresentado corroboram e discutem a relevância da preservação e conservação do patrimônio têxtil e ainda indica procedimentos metodológicos para análise e identificação destes para pesquisadores futuro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A. A pesquisa Acadêmica de Moda no Brasil. **Fashion Theory: a revista da moda, corpo e cultura**, 2003, v. 2, n. 5, p. 123-227.

LEITE, J. **Indústria têxtil em Portugal e a FNIL**, 2012. Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/09/industria-textil-em-portugal-e-fnil.html>

MENDES, J. M. A. Sobre as relações entre a indústria portuguesa e a estrangeira no século XIX, **Análise Social**, 1980, v. 16, n. 61-62, p. 31-52.

MUSEU DE ALBERTO SAMPAIO. Disponível em: <<http://masampaio.culturanoorte.pt/>>. Acesso em 23 de agosto de 2015.

NORMA BRASILEIRA: ABNT NBR 10588 – **Tecidos Planos** – Determinação da densidade de fios.

NORMA PORTUGUESA, **Têxteis – construção – métodos de análise** – Parte 2: Determinação do número de fios por unidade de comprimento (ISO 7211-2:1984 modificada para EN 1049-2: 1993). A norma utilizada foi 8. Método B: Conta-fios.

SAMPAIO, A. & MEIRA, J. J. **Relatório da exposição industrial de Guimarães em 1884**. 1991.